

DIALOGANDO COM OS ESTUDANTES VELHOS NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: MORTE E O MORRER¹

Euler Rui Barbosa Tavares²

Maria de Lourdes Leoncio Macedo³

Glauce Gonçalves da Silva Gomes⁴

Neila Barbosa Osório⁵

Jocyleia Santana dos Santos⁶

RESUMO: Este estudo objetiva descrever as histórias vivenciadas pelos acadêmicos da universidade da maturidade sobre a morte e o processo do morrer, bem como, sua interpretação sobre a vida, a infância e o envelhecimento humano, entendendo que discutir sobre a finitude é também prerrogativas dos direitos humanos. O desenvolvimento desta pesquisa foi constituído a partir dos diálogos com os estudantes nas oficinas pedagógicas sobre a tanatologia, ocorrido na Universidade da Maturidade no polo de Palmas da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A turma é composta de 53 estudantes, no entanto, apenas 16 responderam as atividades de pesquisa. Os conteúdos sobre tanatologia são aplicados na sala de aula, um curso ministrado por professores que atuam no mestrado e doutorado em educação ofertado pela UFT. O projeto de extensão, ou seja, a Universidade da Maturidade (UMA), oferta um curso de formação as pessoas acima de 45 anos, por meio deste curso os velhos melhoram a relação interpessoal, desenvolvem outras atividades, ampliam seus conhecimentos de mundo, da vida e também neste currículo específico sobre a morte. A pesquisa é qualitativa, descritiva, foram aplicados questionários, e os dados apontam que ainda precisamos ampliar nossos conhecimentos sobre o tema, aponta também, o quanto as mulheres sentiram-se mais livres e donas de seu espaço, estando velhas, vivendo a vida na maturidade, uma vez que a maioria são viúvas ou divorciadas. Conclui-se que há muito para conhecermos sobre a morte, e que os estudantes da Universidade da Maturidade estão abertos a discutirem sobre a morte e o morrer, valorando cada vez mais a vida.

Palavras-chave: Morte. Vida. Infância. Velhice.

¹ Na Universidade da Maturidade, utiliza-se nos estudos e nas tratativas o termo “velho”, baseados nos estudos de Simone de Beauvoir, além de no Projeto Político Pedagógico da UMA, o termo velho é constante no documento, trazendo uma identidade para a UMA.

² Doutorando em Educação na Amazônia – PGEDA, pela UFT-TO (EDUCANORTE), graduado em Direito. Professor efetivo do Instituto Federal do Tocantins – IFTO.

³ Doutoranda em Educação (EDUCANORTE-UFT). Professora da rede estadual de ensino do Tocantins.

⁴ Pós-graduação Orientação, Supervisão e Gestão Educacional, graduada em Pedagogia. Professora efetiva da rede estadual do Tocantins.

⁵ Pós-doutorado em Educação pela UEPA- TO. Doutora em Ciência do Movimento Humano pela UFSM/RS. Mestrado em Educação pela UNESP de Marília/SP. Graduada em Serviço Social pela Universidade Católica Dom Bosco/MS1981. Docente na Universidade Federal do Tocantins.

⁶ Pós-doutorado em Educação pela UEPA- TO, Doutorado em História (UFPE), coordenadora e docente do curso de Mestrado e Doutorado em Educação (UFT).

ABSTRACT: This study aims to describe the stories experienced by academics at the University of Maturity about death and the dying process, as well as their interpretation of life, childhood and human aging, understanding that discussing finitude is also a prerogative of human rights. The class is composed of 53 students, however, only 16 responded to the research activities. Contents about thanatology are applied in the classroom, a course taught by professors who work in the master's and doctorate in education offered by UFT. That is the University of Maturity (UMA), offers a training course to people over 45 years old, through this course the elderly improve their interpersonal relationships, develop other activities, expand their knowledge of the world, of life and also in this specific curriculum about death. The research is qualitative, descriptive, questionnaires were applied, and the data indicate that we still need to expand our knowledge on the subject, it also points out how much freer women felt and mastered their space, being old, living life in maturity, since most are widowed or divorced. It is concluded that there is much to know about death, and that the students of the Uiversity of Maturity are open to discussing death and dying, valuing life more and more.

Keywords: Death. Life. Inafancy. Old age.

INTRODUÇÃO

A Tanatologia, tem por definição, a ciência que estuda a morte e o processo do morrer. Estudar sobre essa temática, não tem nada de mórbido, pelo contrário, compreender o senso de finitude é saber que estamos vivos e de forma centrada analisar, ponderar, planejar a própria vida. De modo que, quando não pensamos na morte, não falamos ou mesmo a ignoramos, estabelece uma falsa sensação de afastamento, e como se pudéssemos dizer agora não, ainda é cedo, comigo não, assim ela ficará longe ou quando chegar a hora farei o que tiver que ser feito.

Além disso, essa ciência faz com que as pessoas passam a refletir aspectos da primeira fase a infância, tempos que podem trazer lembranças reflexivas muitas vezes associadas a brincadeiras ou convivência com nossos pares, fase da vida de nossos acadêmicos, e também tratar sobre a velhice, como é encarada e como eles a percebem, e como lidam com ela.

Vivemos uma sociedade desigual, na qual os direitos valem para alguns, mas não para a maior parte dos brasileiros, no caso em tela os idosos.

A falta de sensibilidade da sociedade assume diferentes formas, vai desde a utilização de expressões que “infantilizam” o idoso, até o descaso ou emprego de formas rudes de tratamento.

Tanto na Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto na Constituição Federal do Brasil (1988), o ideal é o de uma sociedade justa e fraterna, pluralista e sem preconceitos de qualquer espécie; de uma sociedade fundada na harmonia social e no compromisso com a solução pacífica de problemas sociais, conflitos e contradições.

Nossa Constituição reafirma, em seu artigo 1º, que a República Brasileira tem como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

No mesmo sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) afirma que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos, que não haverá distinção de raça, sexo, cor, língua, religião, política, riqueza ou de qualquer outra natureza e prescreve em seu artigo 25º os chamados Direitos dos Idosos.

Art. 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda pessoa, tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, direito a segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstância fora de seu controle.

Olhar pelo qual, constata-se a relevância dos Direitos Humanos na proteção da pessoa idosa frente a sociedade, sociedade está, totalmente excludente, narrada pela própria voz dos acadêmicos velhos da universidade da maturidade e, ademais aproveitam o ensejo para descrever também suas vivências e interpretações sobre a última fase do ciclo biológico humano, ou seja, a morte.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, e de caráter descritivo. A escolha pela pesquisa qualitativa deve-se ao fato de ser um método de investigação que enfatiza a compreensão da experiência humana como é vivida, através da coleta e análise dos materiais narrativos, subjetivos, com uso de questionário, onde se permite a compreensão dos comportamentos das pessoas em determinadas situações, provocadas por discussões prévias, sobre a temática, trazendo os acadêmicos como sujeitos do seu próprio conhecimento (BRASIL et al, 2018).

Participaram deste registro 16 participantes, com idade de 59 a 89 anos, sua identificação, será preservada, apenas com alusão ao que seria as iniciais dos nomes, dos

pesquisados, ressaltamos que entre os pesquisados, há registro citado como “sem identificação”, o qual não assinou o fichário. A escolha do questionário aqui abordado de forma mais detalhada. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Desse modo a base teórica que sustenta este estudo é a fenomenologia, com os autores: (CAMPOS et all p.287), expressa esse método visando a constituir e reconstituir a realidade vivenciada por meio da interpretação e confronto de pressupostos diversos dos sujeitos do estudo, articula o referencial teórico com as narrativas.

A pesquisa foi realizada com acadêmicos da Universidade da Maturidade, projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins, este projeto atende a comunidade em geral para pessoas da chamada terceira idade, do qual tem contribuído com os conceitos nas trocas de experiências associada a pesquisa e ao ensino, vivenciados nas oficinas pedagógica sobre a Tanatologia, ministradas na universidade da maturidade.

TANATOLOGIA

Ao estudar sobre a tanatologia, constatamos que sua interpretação mais publicitada como a ciência que estuda a morte, inclusive (HOUAISS, 2004, p. 256 Apud FIGUEIREDO, 2020), esclarece que a definição da origem da palavra “Tanatologia”, vem do grego “*Thanatus*”. Na mitologia grega é o nome dado ao Deus da morte. Já o sufixo “*logia*”, também deriva do grego, significa “estudo”. Assim, etimologicamente, a palavra Tanatologia significa o estudo científico da morte; da teoria da morte, de seus sinais e da sua natureza. Em razão de seu sentido amplo da palavra não iremos entrar nas questões de credos religiosos, a partir da morte, tão pouco entraremos sobre a área da medicina legal. Na verdade, nosso trabalho será direcionado as vivencias e interpretações relacionadas as pessoas velhas⁷ a possibilidade de enfrentar este momento de finitude da vida.

Falar na temática morte, deveria ser algo tão natural quanto falar de vida, independente do que acreditamos e vivenciamos enquanto: culturas, religiões, classes

⁷ Na Universidade da Maturidade, utiliza-se nos estudos e nas tratativas o termo “velho”, baseados nos estudos de Simone de Beauvoir, além de no Projeto Político Pedagógico da UMA, o termo velho é constante no documento, trazendo uma identidade para a UMA.

sociais, idade entre outras, a reconhecemos como uma realidade, possível acontecer a qualquer momento, mesmo que o indivíduo goze de muita saúde, pode passar por uma fatalidade como acidente automobilístico como fator externo, tão quanto ser acometido de uma patologia fulminante como infarto ou um AVC, de fato não é possível evitar a morte. Entendemos que chegar com mais brevidade, no entanto, quem poderá afirmar o tempo com exatidão? Não cabe a nós, a certeza da morte é condicionada a vida, então falar de morte é também falar de vida, são as oportunidades que nos cercam a cada momento, a cada raiar do Sol que vivenciamos todos os dias.

O ciclo biológico da vida está definido em nascer, crescer, reproduzir e morrer, assim em face disso, criamos uma perspectiva tornando incapazes de contrário ou traçar linha temporal diferente na natureza. É preciso encarar a temática com objetivo de viver melhor, controlar emoções e conseqüentemente uma vida plena, apoiado em valores que fazem muito mais sentido a todos. (ARANTES, 1980)

[...], Mas tenho tido várias oportunidades de capturar a atenção de pessoas interessadas em mudar de posição, de ponto de vista. Algumas apenas podem mudar, outras precisam; o que nos une é o querer. Desejar ver a vida de outra forma, seguir outro caminho, pois a vida é breve e precisa de valor, sentido e significado. E a morte é um excelente motivo para buscar um novo olhar para a vida. (ARANTES, 2016, p.12)

Trabalhar com a oficina pedagógica sobre a Tanatologia dentro da Universidade da Maturidade, abriu-se vários espaços para diálogos ligados a variadas crenças, temos na turma 01, uma comunidade que em comum, possui idade superior a 45 anos, maioria avós, trazem nas marcas dos sinais dos tempos, das memórias que são compartilhadas ao longo do percurso de maneira orientada pelos docentes.

Nesta perspectiva vamos conhecendo e fazendo concepções à risca do conceito sobre a morte, de forma leve, com animações e dinâmicas que por vezes levam aos risos, outras vezes compaixão, saudade e como numa quietude falamos sobre vida, um significado que levou uma caminhada, uma trajetória para chegar-se ao fim da vida.

A condição morte é conceituada por um grupo social na maneira como ela se organiza, e como as pessoas acreditam e se posicionam, assim o autor afirma que:

[...]é fundamental observar que a maneira como uma determinada sociedade se posiciona perante a morte e os seus mortos desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, na medida em que essa integração da morte e da relação com ela constitui um dos elementos mais relevantes para a formação de uma tradição cultural comum (GIACOIA, 2005, p. 15).

Considerando que é impossível enganar a morte, nem mesmo adiar. Uma vez que é um evento que a todos chegará, tal como Giacoia (2005) a identidade e a percepção social da morte, depende muito das discussões e estudo que possa se fazer sobre a temática. A nossa cultura ainda vê a morte como algo terrível, a finitude. E no sentido de despertar para tais conhecimentos, o currículo da Universidade da Maturidade, discute sobre a morte. A turma é composta por estudantes de várias formações religiosas, sem fixarmos nestes elementos, trazemos Rodrigues (2006) que discute sobre o processo de morte:

[...] se mata a morte. É necessário que a sociedade se aproprie desse processo ritual porque, se os indivíduos morrem, ela, pelo contrário, sobrevive. Se ela vê no homem sua imagem projetada, gravada, as forças que o constituem devem ter a mesma perenidade. A destruição do corpo turva essa imagem, sobretudo enquanto ele se consome. Obriga a sociedade a refletir sobre si e os homens, a pensar sobre seus destinos. Evidencia lhes as vulnerabilidades. Por isso o que as sociedades buscam nessas práticas é descobrir algo que resista a morte [...] tais culturas tentam trazer a certeza da vida eterna para perto de si. (RODRIGUES, 2006, p. 66).

Não há meios de encarar sem sofrimento, por mais preparados que estejamos vivenciar a morte, é automaticamente compreender um processo de finitude da pessoa física, sem os abraços calorosos, sorriso que alegra, os diálogos e muitas coisas que serão guardadas na mente, abertura de espaço para a saudade. Aries afirma que:

Passa a ser algo de metafísico que se exprime por uma metáfora: a separação da alma e do corpo, sentida como a separação entre dois esposos, ou ainda dois amigos, queridos e antigos. O pensamento da morte está associado à ideia de ruptura do composto humano, a uma época em que é a do túmulo da alma, onde o dualismo começava a penetrar a sensibilidade coletiva. A pena de morte é posta não em relação aos sofrimentos reais de agonia, mas como a tristeza de uma amizade quebrada. (ARIES, 1977, p. 14).

Por ser tabu, medo do enfrentamento, nossos jovens, e também os mais velhos, reproduzem o despreparo, em muitos casos, não vivem o senso de finitude, vivem uma vida sem pensar no amanhã acreditando serem eternos, abusam de álcool, cigarros, drogas, além de não cuidarem do corpo para manutenção saudável, sem nem lembrar que tudo poderá trazer consequências ruins ao longo do tempo. É fato encarar a morte e aprender a viver. Elias afirma que:

A convenção social oferece às pessoas umas poucas expressões estereotipadas ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas sociais em tais situações. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porém mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas. As fórmulas rituais da velha sociedade, que tornavam mais fácil enfrentar situações como essas, soam caducas e pouco sinceras para muitos jovens; novos rituais que reflitam o padrão corrente de sentimentos e comportamentos, que poderiam tornar a tarefa mais fácil, ainda não existem. (ELIAS, 2001, p. 32).

Quase todo mundo pensa que a norma é fugir da realidade da morte. Mas a verdade é que a morte é uma ponte para a vida, ou vice-versa como queiram. Encaremos a morte como um processo natural, nasceu, iremos morrer.

Cada dia temos a oportunidade de recomeçar, abraçar, amar, trabalhar, realizar muitas coisas antes de morrer, podemos viver e com a proposta de analisar como temos vividos trouxemos um questionário com 16 participantes, com idade de 59 a 89 anos, em condições boas de saúde, possuem autonomia em mobilidade este é o perfil dos velhos acadêmicos da Universidade da Maturidade.

Com intuito em provocar lembranças, questionamos a cada acadêmico, **como foi a sua infância?** Tivemos poucos relatos de uma infância vivida em sua plenitude, entre esses que trazem boas recordações temos os registros: (LN 64 anos) “Foi uma infância bem tranquila, brinquei, aproveitei todas as oportunidades do meu tempo”; Já para (M.C.S.C 66 anos) “Muito feliz, brincava na rua, nadava no rio e estudava”; e (R.A.W. 71 anos) “Bastante pacata, pois fui nascido e criado na Fazenda, porém fui muito educado pelos meu pai, tinha muitas limitações, mas sempre fui obediente e respeitador dos mais velhos.

Vimos aqui relatos de boas lembranças, infância saudável e tranquila, mas elas variam conforme começamos a manipular o material produzido e tomam sentidos de dores e perdas como é o relato de (M.L.J. 89 anos):

Até os 8 anos foi muito boa, depois minha mãe morreu e tudo foi por água abaixo, mas Deus teve pena de nós e nos ajudou, depois me deu um bom esposo e minha vida mudou muito, que até hoje não tenho do que me queixar. Graças a Deus e nossa Senhora Desatadora dos nós”. (M.L.J. 89 anos)

Percebemos neste relato a superação, ela apresenta capacidade máxima da dor, quando relata “tudo por água abaixo”, de forma que por um instante pensamos que não haveria mais vida, ou uma vida em alegria, e o processo que envolve outras pessoas preenche um espaço para novas alegrias e emoções, e guarda uma lembrança boa na forma de gratidão.

Nos próximos relatos veremos que a maioria dos nossos velhos tiveram logo na infância a iniciação ao trabalho em alguns casos não tiveram nem chance de brincar, ou essas lembranças das brincadeiras foram suprimidas, pularam a fase do concreto, da imaginação da construção cognitiva. (A.B.S. 71 anos) descreve sua infância em: “Mais ou menos boa, com muito trabalho e pouca diversão, e o bom foi com família unida, sem ódio todos iguais em amor”.

Em mais relatos, (E.P.S 59 anos) descreve: “Minha infância foi muito difícil, pois meus pais se separaram, e eu tive que trabalhar muito cedo, por isso não tive boa infância”. Já (A.D.M. 67 anos), “A minha infância com muita atividade, nós éramos 10 irmãos, foi um ajudando a cuidar do outro, também tinha dever de casa e também a escola”.

Encarar as duras realidades relatada por (M.S. P 64 anos), demonstra as variantes existentes na realidades dos nossos acadêmicos, assim a descreve:

Minha infância foi muito difícil, pois não brinquei, eu carregava lata de água na cabeça, eu muito pequena trabalhava muito e só fui estudar depois dos 11 anos de idade, porque tinha que cuidar das crianças das famílias ricas, para eu conseguir estudar, tinha que ir para a roça antes, cortava arroz, plantava feijão, mandioca e ajudava a fazer farinha. (M.S. P 64 anos),

Semelhante a situação anterior (G.S.S 69 anos), expõe: “Infelizmente eu não tive infância, eu tinha 8 anos meu pai me tirou da escola, ele falou que eu tinha que trabalhar como ele não estudou, filho dele também não estudava, comecei a trabalhar com 8 anos e até 65 não parei, até me aposentar”. Muitas vezes somos frutos do meio, as histórias se repetem por falta de reflexão, orientação e educação formal.

Para (M.F.A.S 68 anos) conta que: “eu morava na roça não tive oportunidade de minha mãe era doente e eu a única filha mulher”. Nesta perspectiva não há espaços para infância, assim (V.P.S 74 anos) enuncia: “Minha infância não foi das melhores e nem das piores, vivida na fazenda entre muitos irmãos e fazendo tudo que se faz em uma fazenda, plantando, capinando como também colhendo plantações alimentos naturais”.

Os relatos de (A.M.T. 64 anos), narra sobre sua infância em dois aspetos: “Minha infância teve momentos bons e ruins. Bons: eu era filha única, então minha mãe brincava muito comigo, comprava brinquedos e minhas amiguinhas iam para minha casa- Ruins: meu pai gostava de beber bebidas alcoólicas e eu sofria quando ele estava embriagado eu nunca me acostumei”. Apesar das dificuldades consegue trazer boas lembranças. Em mais um relato sem iniciais da identificação formulário, timidamente apresenta sua infância em: “Na minha infância só com meus irmãos, na adolescência participei de esportes, voleibol e especialmente basquete, eu me envaidecia pelos elogios e por minha atuação”.

Em outra situação que conseguiria conciliar trabalho e brincadeiras (J.B.A. 71 anos), relata que sua infância: “Foi muito sofrida, mas o mesmo tempo foi bom trabalhava muito, mas tinha direito a brincar com carrinho e respeito com colegas.

Fechamos o ciclo da infância primeira fase da nova existência que geralmente preenchida com brincadeiras, estudos, viagens, esportes interação com outras pessoas pois vivemos em comunidades, no entanto ao que vimos, uma grande parte desses indivíduos dedicaram sua infância ao trabalho, justificado modo de sobrevivência.

Deste ponto em diante voltamos a encarar a realidade e questionamos, **o que é velhice para você?** As repostas podem ser previsíveis ou surpreendentes depende do ponto de vista. Para (M.L.J.B 89 anos) “É a melhor coisa do mundo, sou dona de mim”. Nossa vida é disposta da forma que nos encaramos, grande parte do acontece conosco depende de nós mesmos.

Outro acadêmico da UMA (L.N. 64 anos), relata que: “É muito bom pois, nosso caminho é feliz aquela pessoa que chegam na velhice com saúde”, com pensamento similar (M.C.S.C 66 anos) descreve: “Procurar ser feliz e aproveitar o aprendizado que tivemos no decorrer da vida. Ambos os relatos apresentam sentimento de bem estar e gratidão.

Em se tratando de velhice explica (R.A.W. 71 anos), “É cada dia adquirir mais conhecimento e procurar fazer mais as coisas certas. Acho que aprendemos com nossos erros, procurar corrigi-los e não mais repeti-los. Para (A.B.S. 71 anos), “Envelhecer é estar bem consigo mesmo e com o próximo”. Nos diferentes posicionamentos vimos que são capazes de associar a velhice a um estado de espírito, como se alcançasse um ápice da existência.

A cada nova apresentação da velhice, novo perspectiva e assim relata: (E.P.S. 59 anos, “Para mim envelhecer é aceitar as adversidades que a vida proporciona a cada dia”. Encontramos também relatos que inspiram confiança no trabalho como: (A.D.M 67 anos), “A melhor coisa que aconteceu foi entrar na UMA que me deu segurança e muito prazer”. Consolida a proposta de promoção do bem-estar. Outra singela classificação, (M.S.P 64 anos) “Envelhecer é ter experiência de vida”.

Para (J.B.A 71 anos): “É viver, viver com direito e ir e vir sem perturbar amigos, viver com alegrias. E (G.S.S de 69 anos) é: “Realmente, eu só conseguir viver bem mais após eu entrar na UMA, estou dançando fazendo academia e convivendo com as pessoas de mais idades”. Aqui percebemos um despertar, parece que já vivendo uma inércia sem busca de ações de promoções de saúde e bem-estar cultural e/ou uma busca pelo convívio social em grupo, atestando a importância dos movimentos para estudos voltados para velhice.

Em outro relato de (M.F.A.S 68 anos): “Hoje é esperança porque estou aqui a UMA vivendo o que eu nunca vivi. Sou feliz”. Novamente a importância da UMA, na sequência (V.P.S 74 anos) descreve que: “É caminhar do começo até o fim da vida com dignidade, sabedoria e amando a Deus. A UMA é tudo de bom, não deixando que as mazelas do mundo lhe façam desistir da vida, nem de si próprio”. E para (A.M.T 74 anos):

Envelhecer é viver um novo tempo, com liberdade com amigos, ver e sentir com maturidade, adaptar-se com as mudanças de convivência, saber usar sabedoria para conquistar os familiares, mostrar para todos alegria de viver, ensinar para os netos como viver bem. (A.M.T 74 anos)

A sabedoria é algo que não se adquire com a idade, ela acompanha e é aprimorada ao longo da vida, a declaração que temos demonstra uma pessoa serena que sempre buscou conquistar e manter o vínculo familiar, atingiu nível de maturidade que compreende as limitações. Continuando para (E. J. 64 anos) “É se aposar da suas verdades tem mais independência curtir o sons vividos sonhar novos sonhos se sentir plena completa mesmo sozinho ter realizado tudo o que desejou estar fazendo novos planos”. Não é o fim, continuar enquanto vidas tivermos.

Nesta opinião sem identificação, o questionamento, **para você o que é envelhecer?** “Por estar sozinha viúva e longe dos filhos minha vida ficou muito triste, mas ocupei com os trabalhos manuais para ajudar hospitais tratamentos oncológico principalmente”. Sempre haverá oportunidades para encontrar sentido ao momento em que estamos vivendo, seja com nossos amados familiares outra forma, ajudar o próximo sempre faz muito bem.

Na próxima etapa nosso questionamento ser direcionado a um comparativo dos últimos 10 anos, assim formulamos, atualmente a vida melhor ou pior que há 10 anos atrás? Temos registros variados tais como: (L.N 64 anos) “As 2 fases estão sendo boas 10 anos atrás só era mais nova um pouquinho”. E para (M. C. S. C. 66 anos); “É muito melhor principalmente depois que eu vim parar UMA conhecer novas pessoas”.

Já para: (R.A.W 71 anos): “Considero melhor estou sempre buscando a vida melhor pra mim, me amando mais, aprendendo mais, perdando e amando mais o meu próximo, principalmente minha família”. Respeitar e compreender o momento em que estamos vivendo são partes importantes da nossa velhice. Assim como pensa: (A.B.S. 71 anos) “Mais ou menos e que durante esse período é natural que faz parte de nós para que nos análise com mais amor. Saudades da minha Maria que Deus levou com amor”. Registro da compreensão do ciclo da vida e morte não erradia ou diminui o amor pelos entes que já partiram.

Em nossas buscas por analisar o tempo em específico da nossa vida não é algo comum assim: (E.P.S 59 anos): “Hoje minha vida está melhor, por que tem uma vida com mais experiência e conhecimentos”. Outro acadêmico como: (A. D. M. 67 anos) “Hoje é muito melhor que a dez anos atrás e UMA e a uma me trouxe felicidade”. E para: (J B.A. 71 anos) sim é hoje a minha vida tem muito mais sentido do que há 10 anos atrás por que hoje eu vivo na sociedade com vários amigos e muita felicidade. E também para: (J.E.S.S 69 anos) “atualmente após eu entrar na uma minha vida melhorou bastante”.

Em alguns casos parece que enfim ficamos adultos, explica: (M.S.P. 64 anos) “A minha vida hoje é bem melhor por que eu tenho direito de fazer tudo o que eu quero”. Já para outros ir a dez anos é pouco e a viagem vai muitos anos atrás como narra: (M.F.A. 68 anos) “é melhor eu não tive infância”.

As reflexões de: (V.P. S. 74 anos) “Creio que a cada momento que vivemos é melhor que o outro em matéria de ação e aprendizado agora está muito melhor com a tecnologia a faculdade é a convivência com diversas gerações e tudo mais”. E outras percepções como o de (A.M.T. 74 anos), relata que:

Melhorou em certas coisas pois eu vivo próximo aos meus filhos, estou tendo novas oportunidades, participo da UMA e do parque do idoso, fiz novas amizades etc, piorou porque na minha cidade eu conhecia tudo não depende de ninguém participava da igreja com frequência, aqui não estou tendo condições favoráveis.
(A.M.T 74 anos)

E gratidão também é parte importante da vida, ter um olhar de: (M.L.JF. 89 anos) “É muito melhor graças a Deus e Maria Santíssima”. Com o mesmo pensamento: (E.J. 64 anos) “minha vida sempre foi boa mesmo nas dificuldades meus pais me ensinaram a viver os sonhos e curtir os feitos que a vida nos dá”, e também (Sem identificação). “Especial por estar junto ao marido que faleceu a 8 anos, atualmente moro em palmas por estar junto com os meus filhos que moram aqui s estou participando da UMA”.

Em nossas propostas queremos saber o pensamento dos nossos acadêmicos quanto a **construção da velhice no Brasil é algo positivo ou negativo**, se essa abordagem tem sido satisfatória. Para: (L.N. 64 anos) “Em alguns casos positivo em outros negativo infelizmente”, entendemos aqui que falta muito debate e para: (M.C.S.C. 66 anos) “positivo”, uma simples palavra pode demonstrar esquivismo do assunto ou simplicidade em se dizer que temos é bom, da mesma opinião, (A.M.T. 74 anos) “positivo”, e Sem identificação: “Algo positivo atualmente”.

Fazer análise sobre em contexto nacional não é fácil, no entanto, as respostas veem sendo colocadas da maneira mais espontânea, assim diz: (R.A.W. 71 anos) “Veja as duas maneiras, positivo quando a gente se ama e se reconhece como velho e negativa Quando vemos a discriminação e o descaso por parte de autoridades”. Falam sobre respeito e fé afirma: (A.B.S. 71 anos) “Por isso que não respeitam nossos irmãos este ainda é nos problemas cada vez mais lamentável, que a vergonha para nossos nós neste país, mas Deus é nosso defensor Ele nos protege sempre amém”. E também afirma: (E.P.S. 59 anos) “algo negativo pois não somos respeitados conforme a constituição para o idoso”.

Expressam força que um grupo é capaz de incentivar a busca pelos seus direitos, afirma: (A.D.M. 67 anos) “na minha opinião é muito positiva principalmente quando frequentar UMA nos embasa muito em nosso direito de ter voz”

Sem expressar quais fatores estão sendo abordados, aponta: (M.S.P. 64 anos) “negativo e que faltam políticas públicas”. Quais políticas poderiam ser abordadas para pessoas velhas no Brasil, poderíamos falar em saúde, formação, trabalho, aposentadoria, lazer, moradia e não faltam tópicos a serem apresentados.

Para (J. B.A. 71 anos), acredita que: “Nós queremos que seja positivo para todos”. E para acadêmico: (M.F.A.S. 68 anos) “aqui em Palmas a velhice é reconhecida”. Será que somos capazes de lançar este comparativo a nível nacional, e sendo uma referência positiva a nível nacional, continuando nesta linha, apresenta: (V. P. S. 74 anos) “positivo com certeza posso estamos na conscientização que temos mais anos de vida e mais compromissos com uns com os outros”.

E como nem todos comungam do mesmo pensamento, (M.L.J.F. 89 anos), define que: “negativo ninguém toma providência”, porém há esperança acredita (E.J. 64 anos) ainda está caminhando para um bom desfecho continuamos a educar as crianças e ensinar sobre a valorização da mulher então temos que aprender com a cultura oriental para temos respeito aos nossos velhos

Quando voltamos ossos olhos para inquietações anteriormente narradas pelos velhos da UMA, demandou a necessidade de fomentar a importância do Direitos Humanos da dignidade da pessoa velha. Assim trouxe discussões sobre LEI N° 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), com intuito de promover mais familiaridade aos dispositivos que resguardam os direitos da pessoa com mais de 60 anos no Brasil, assim questionamos se você

considera que o estatuto do idoso é respeitado em nosso estado. As respostas variam de acordo as necessidades atendidas ou não, ou se são sensíveis as necessidades coletivas.

Afirma (L.N. 64 anos) “Sim, só que nada acontece sozinho, nós também podemos correr atrás dos nossos direitos e deveres”. Já para. (M.C.S.C. 66 anos) “Ainda não”, este também é o pensamento de: (A b S 71 anos) “não e não”; (M.F.A.S. 68 anos) “não”. Nos diferentes posicionamentos para: (R.A.W. 71 anos). “Nem sempre, as vezes autoridades fazem vista grossa, no somos lembrados quando precisam do nosso voto”.

Apresenta uma situação que impacta vários idosos, descrevendo que: (E. P. S. 59 anos) “não como citei anteriormente, a exemplo passagens não são e dados conforme o estatuto nos dá preferência”. Com o mesmo pensamento de: (J.B.A. 71 anos) “não é nem sempre e bem assim por tudo que parece ainda tem muitas pendências que ainda não foram alcançadas em relação a pessoa idosa.

Para (V.P.S 74 anos) “Nem sempre há muito que desejar na saúde que por falta de remédios e por falta de atendimento médico ao velho com mais eficácia, pois espera por uma consulta é longa e às vezes nem ocorre”. Tivemos relatos de longas esperas por consultas e longas filas de cirurgia de para remoção de cataratas e colocação de lentes para idosos que estão perdendo a visão, patologia comum a pessoa idosa e como afirmado quando chegam à sua vez é tarde demais, já partiram desta vida. Estes e por outros motivos, relata: (A. D.M. 67 anos) “até hoje não é respeitado direito dos Idosos”.

Há casos em que nossa sociedade dá maus exemplos, veja o que relata: (G.S.S. 69 anos) “as vezes nem tanto nem motorista de ônibus nem passageiro respeitam os mais velhos”. Para (M.L.J.B. 89 anos) “nem todos os lugares, porque tem lugares que não respeitam a velhice”. Aspectos sociais que precisamos preparar nossas crianças para lidar com pessoas mais velhas, tomando consciência que este é futuro delas, como eu gostaria que me tratassem quando chegar minha vez? Como eu gostaria que tratassem meus pais, avós e assim aprendendo a lidar com a comunidade, vivemos em sociedade e para que ela evolua, deverá basilar em respeito.

(A.M.T. 74 anos), afirma que: “precisa melhorar”. Singelamente afirma que: (E.J. 64 anos) “algumas vezes Sim outros não é lembrado”. Temos registro sem identificação: “creio que Sim”

Frente a isso chamamos atenção para uma das principais perdas das pessoas velhas: a cidadania, a dignidade humana, a família e a valorização social. Razão pela questionamos

se há **interesses sobre debate de algum assunto jurídico na sala de aula?** compreendemos que poderia aflorar algumas necessidades de acesso à justiça ou se seus direitos de alguma forma foram vilipendiados. Temática que nos possibilitou instruí-los a buscar orientação jurídicas específicas, para nossos acadêmicos. Isto posto podemos observar grande interesse na área do Direito da Família, Previdenciário, Sucessões e Mobilidade Urbana, Saúde entre outros.

Fatos que impactam não somente nossos velhos, mas pessoas muito próximas. (L.N. 64 anos), solicita mais informações sobre: “Gostaria de saber sobre o divórcio”. Como mesmo interesse tivemos: (M.C.S.C. 66 anos) “Sim sobre divórcio e direito do companheiro”. E; (G.S.S. 69 anos) “Sim eu sou separado há 28 anos mais no papel contínuo casado minha esposa mora em outro estado o que eu preciso fazer para me divorciar dela”.

Tivemos pessoas mais interessadas em aprofundar o conhecimento em reação aos direitos dos idosos, solicita: (R.A.W. 71 anos): “acho que seria de suma importância para podermos avançar mais no reconhecimento dos nossos direitos e enxergarmos que o velho já foi novo e que continua sendo gente”. E (E.J. 64 anos) “sim sobre direito dos idosos”.

Este tema, é grande importância (V.P.S. 74 anos) “Aposentadoria por este ser um tema em que muita gente ainda não conseguiu esse benefício, é um pouquinho mais para que possamos suprir um pouquinho melhorar nossas necessidades pessoais. Esta temática também apresenta em sala, explicado quais são os requisitos mínimos para dar entrada neste benefício junto ao INSS.

Falar sobre direitos despertam interesses, mesmo que não apresentem uma temática, acadêmicos passam a ficar alertas as necessidades que ainda poderão surgir, como apresenta: (E.P.S. 59 anos) “Sim foi só assim ganhamos mais conhecimento”. Ainda culminando com este pensamento, temos: (A.D.M. 67 anos) “no momento não tenho mas estarei prestando atenção no que for debatido quero aprender”; (A.B.S 71 anos) “não tenho eu nunca me preparei para este momento”; (A.M.T. 71 anos) “Gostaria apenas de adquirir conhecimentos sobre o assunto”.

E também os mais tímidos que vão precisar de mais aulas para se sentirem a vontade quanto suas necessidades, pondera: (J.B.A. 71 anos) “sim mas vamos deixar quieto Deus proverá”.

Entrando na temática que aborda nossa disciplina, Tanatologia, questionamos aos acadêmicos, **e a morte, como você a compreende**, vejamos quais são as prerrogativas apresentadas.

As apresentações quanto a compreensão da morte, descreve: (L.N. 64 anos) “Naturalmente pois este assunto pertence a todos seus viventes não temos que se preocupar porém temos que estar preparados, pois surgem a qualquer momento possamos passar por este desgosto”.

Falar sobre a morte, não deveria ser uma temática difícil, mas os tabus foram forma criados com muros invisíveis não tratando, não havendo preparação, depois de algumas aulas, as discussões apresentam argumentos satisfatórios, como afirma: (M.C.S.C. 36 anos) “hoje já não tenho mais medo da morte”; e (A B.S. 71 anos) “é natural com muito respeito e com muito amor divino”.

Nos relatos que seguem cada acadêmico seguir, são mais centrados com a realidade, e com muita sensibilidade podem auxiliar suas vidas, para: (R. A.W. 71 anos) “Primeiro eu via como fim, hoje vejo como começo de uma nova vida o germinativa uma nova semente”.

Os relatos encorajamento por meio da fé afirmam: (E.P.S. 59 anos) “compreendo o que temos que aceitar foi para isso que nascemos, para morrer ou seja passar para a vida eterna, para quem crer no nosso verdadeiro Deus”; comungam: (A.D.M. 67 anos) “Nós estamos de passagem quando chega a nossa hora Deus nos chama e lá vamos ao encontro com o Senhor”; e (A.M.T. 74 anos) “como planos de Deus para todos Nós não somos criados para permanecer na terra mas para a eternidade”, ainda nesta mesma perspectiva, afirma: (M.L.J.B. 89 anos) “compreendo que quando Deus chama não tem desculpa é a nossa hora chegou”.

E entre outras crenças, alguns acreditam que ainda segue o plano para outro plano, coloca: (M.S.P. 64 anos) “a morte é uma passagem de vida”.

Todos temos conhecimento da morte, nosso objetivo é saber qual o posicionamento temos ao falar nela, em mais uma ponderação: (J.B.A. 71 anos) “sim porque todos nós temos certeza que iremos um dia morrer, não aceitamos mas dispensamos isso é real para todos”.

Encarar o assunto sem desespero e com mais serenidade, como apresenta: (M.F.A.S. 68 anos): “pra mim é uma passagem a maioria não entende. Nós temos que estar preparado, as pessoas não aceitam falar na morte eu penso diferente. Neste relato vimos a tratativa como algo muito natural. Da mesma forma, discorre: (V.P.S. 64 anos) “compreendo que ele a nossa única certeza cedo ou tarde teremos que morrer pois aqui todos estamos numa passagem para Cumprimos nossa missão”.

Em sequência, o relato: (E.J. 64 anos) “como mais uma experiência ser vivida todos vamos passar Por isso ninguém nasceu para semente, nosso espírito irá para um novo plano”. Em continuidade, temos o registro “sem identificação despreocupada não desejo nem fiz mal a ninguém já vivi bem os meus 83 anos”.

CONSIDERAÇÕES

Nas aulas vivenciadas nas oficinas pedagógicas, ofertadas na Universidade da Maturidade, na temática da Tanatologia, que objetivou compreender os impactos dos estudos sobre a Tanatologia, na vida dos acadêmicos, bem como, sua visão sobre a vida, a morte e o envelhecimento, entendendo que discutir sobre a finitude é também prerrogativas dos direitos humanos. Os acadêmicos, relataram seus pontos de vista, opiniões e interpretações sobre a finitude, bem como, os direitos, o estatuto do idoso, tudo isto numa perspectiva de direitos humanos, oportunizar conhecimento sobre o mundo que os cerca.

A partir de uma abordagem geral, os velhos da universidade da maturidade vão conhecendo o Estatuto da pessoa Idosa, devido ao fato da necessidade de acionar algumas autoridades para fazer cumprir o que rege a Lei. Assim, ouvimos várias contribuições, em alguns casos em particular foi feita intervenções e orientações. Haja vista que conhecer o estatuto auxilia as pessoas a fim de preservar seus direitos, ainda há o descumprimento do referido estatuto, como relatado pelos acadêmicos. Alguns também, apontaram algumas dúvidas no campo jurídico, elementos sanados posteriormente, pois o professor que ministra as aulas, também é advogado.

No entanto, o foco principal do estudo foi a interpretação sobre a morte, onde eles se posicionam e de maneira geral, compreendem e discutem com clareza esta temática. Consideram que o melhor período de suas vidas, é o momento que estão vivendo, ou seja, a velhice, a idade madura. Pois ela oportuniza liberdade, autoafirmação, autonomia, isto é resultado de uma sociedade machista, preconceituosa e que sempre considerou a posição do homem, o macho, como o detentor de direitos, ou seja, de forma velada, a relação de poder dos homens, sejam eles o pai, o marido ou os irmãos, sempre foi muito marcante na vida da maioria das mulheres pesquisadas.

O estudo alcançou seus objetivos, no entanto essa temática da finitude, quanto mais a discute, mais interessante e necessária se faz tais discussões. Falar de morte e sobre a morte,

nos leva a refletir sobre o testamento vital, discussões para as próximas aulas, bem como, ampliação desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **O homem perante da morte**. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1977.

ARANTES, G. **Vivendo e aprendendo a jogar**. In Disco Elis. EMI, 1980.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver** 1ª. ed.– Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. **Estatuto do idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL Christina César Praça; MOURA Escolástica Rejane Ferreira; BEZERRA Indara Cavalcante e SILVA Raimunda Magalhães da. **ESTUDOS QUALITATIVOS: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações**. **Ribeirão Preto**. Editora Sobral.2018. Ebook Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook> pesquisado em 10 de novembro de 2022.

79

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FIGUEIREDO Antônio Macena de. **TANATOLOGIA: abordagem histórico-filosófico da morte no contexto da medicina legal e do direito**. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/lei/medicina-legal. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/medicina-legal> pesquisado em 10 de novembro

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOUAISS, Koogan. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta. 2004.

RODRIGUES, José. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

GIACÓIA JR, Osvaldo. A visão da morte ao longo do tempo. **Revista de Medicina de**

Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, 2005. p. 13-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418#:~:text=O%20objetivo%20do%20pres>

ente%20trabalho,e%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20art%C3%ADsticas%20em%20dife
rentes acesso em: 10 novembro. 2022.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 22 nov.2022.